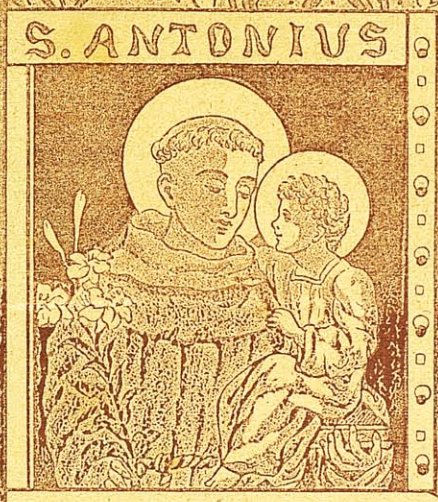


IHS

Si quæris
miracula,
Mors error
calamitas
Dæmon,
lepra fugiunt,
Ægri
surgunt sani.

(S. Bonav.)

1.º ANNO — 1895
MAIO

VOZ DE S. ANTONIO

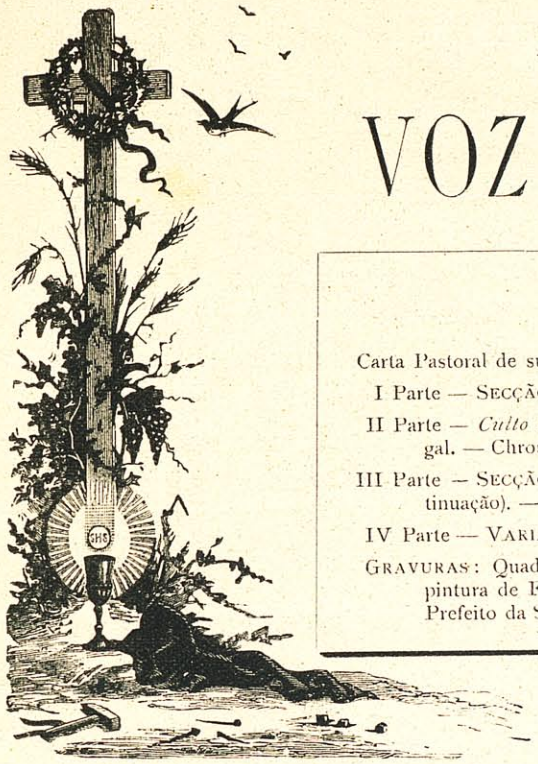
REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO

TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
74, LARGO DE S. DOMINGOS, 76

PORTO — 1895

N.º 5 — MAIO 1895



VOZ DE S. ANTONIO

SUMMARIO

Carta Pastoral de sua eminencia D. José III, Cardeal, Patriarcha de Lisboa.

I Parte — SECÇÃO HISTORICA: Historia de S. Antonio de Lisboa. — Chronica da Pia União.

II Parte — *Culto de S. Antonio:* Maximas de S. Antonio. — Festas centenares em Portugal. — Chronica do Pão dos pobres. — Si quaeris miracula.

III Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: O transformismo em face do dogma (continuação). — Hymno á Virgem (poesia de Rangel de Quadros). — A Fé de minha mãe.

IV Parte — VARIA: Bibliographia, noticia sobre a gravura de S. Antonio e varias noticias.

GRAVURAS: Quadro de S. Antonio, na Basilica de S. Sebastião, fora dos muros, em Roma, pintura de Fracassini. — Em.mo Cardeal Persico, da ordem dos Franciscanos Capuchinhos, Prefeito da Sag. Congregação das Indulgencias e membro da Pia União de S. Antonio.

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

CARTA PASTORAL

DE SUA EMINENCIA

O Senhor D. JOSÉ III, Cardeal, Patriarcha de Lisboa

SOBRE A CELEBRAÇÃO

DO

VII CENTENARIO DE S. ANTONIO

D. José III, Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, do Titulo dos Santos XII Apostolos, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Patriarcha de Lisboa etc. etc.

Ao Nosso R.mo Cabido, R.mos Desembargadores da Nossa Relação, Vigarios Geraes e da Vara, R.dos Parochos e mais Clero e fieis d'este Patriarchado, saude, paz e benção em Jesus Christo, Nosso Senhor, que de todos é Luz, Verdade e Vida.

Filhos Dilectissimos:

A GRATIDÃO que é um dever, incumbe aos individuos e ás nações:

Louvar e engrandecer quem se tornou benemerito da Religião e da Patria, avivar a sua memoria, recordar os seus beneficios, repetir as suas lições, propôr os seus exemplos, fazer que não esqueçam os seus ensinamentos é grato e nobre sentimento do coração humano, que a Religião, Mãe de quanto é grande e sublime, gostosamente abençoa e consagra.

E' por isso que Nós, dilectissimos filhos, que nada temos tanto a peito, como o promover e secundar aquellas manifestações, que são o brilhante cortejo da nossa Fé de catholicos, e que revelam o precioso quilate da nossa alma crente de portuguezes, não podiamos ficar indifferente perante a extraordinaria commoção que, a esta hora, subleva o mundo

inteiro, ao approximar-se o VII centenario do nascimento da inclyta gloria de Lisboa o Protentoso Thaumaturgo S. Antonio!

Não é sómente esta heroica cidade, que se immortalisou com dar-lhe o berço, e Padua feliz, que enriqueceu com os seus despojos, que, em santa emolação, anceiam por, mais uma vez, cingir a fronte d'Aquelle a quem veneram como seu mais augusto senhor e protector, com novas aureolas de amor, de festas deslumbrantes e regosijos nacionaes nunca vistos. E' toda a Italia, que o ama como seu libertador, e lhe confia as suas cidades e castellos; é a França que o venera como seu Apostolo, orgulhosa de possuir as suas reliquias; é a Hespanha que lhe erige monumentos; são as Americas, a Africa e a Asia, que, ao receberem a Fé de Jesus, com a civilisação da Europa, acharam em Antonio, o mais brilhante e irrefragavel testemunho d'essa Fé, e o paladino mais ardente da civilisação. E', n'uma palavra, o mundo inteiro; porque em todo elle resoa a fama altisonante de Antonio; todo elle é theatro das suas maravilhas, todo confia na sua protecção e lhe é devedor de extraordinarios beneficios.

Por esta razão o glorioso Leão XIII, felizmente reinante, echo dos Romanos Pontifices seus predecessores, que decretaram a Antonio, as primeiras honras dos altares, proclamou a filho de Lisboa o Santo de todo o mundo!

Antonio pertence a todo o mundo, porque todo o mundo é de Antonio, por direito de conquista; é elle que ha sete seculos sustenta a guerra aberta contra os inimigos da paz e felicidade universal. Não é, portanto, sem razão que em todo o mundo não ha Santo mais universalmente venerado, nem mais ternamente querido que S. Antonio de Lisboa.

Apenas se encontrará um canto da terra, onde a sua imagem não tenha um altar; onde o seu altar não tenha um templo, e onde esse templo se não veja regorgitar de fieis de todas as classes da sociedade, que vão aos pés do grande amigo de Jesus implorar uma graça, com a esperança firme de obter um milagre. Na propria Africa os pagãos, ainda que a seu modo, veneram a Santo Antonio, e da sua protecção se valem nos revezes que experimentam.

E esta esperança não é baldada, porque sempre é attendida; não é vã, porque foi inspirada. E, com effeito; poucos santos regista o Martyrologio da Igreja Catholica, que hajam sido tão apaixonadamente amigos da humanidade, tão condescendentes com as suas exigencias, tão compassivos com as suas miserias, tão zelosos dos seus privilegios, tão desejosos, emfim, da sua felicidade, como Antonio de Lisboa.

E' que elle amava loucamente a Jesus, que foi o maior bemfeitor da humanidade, e aprendeu na escóla d'um mestre, o grande Francisco d'Assis, que prodigalisava o seu amor até aos proprios irracionaes. A sua vida foi uma cruzada de paz e amor. O quadro que então apresentava a Europa central, era triste e sombrio. Na familia, não havia união porque lhe faltava o amor; nas nações não havia paz, porque lhes faltava a ordem; não havia justiça, porque reinava o direito da força; não se via prosperidade, porque as guerras fratricidas haviam exaurido todas as fontes de recursos. Apagára-se o facho da Fé, onde a heresia estendera as trevas do erro; e a lampada da sciencia, que a Fé alimentava, cessára de brilhar

para as intelligencias, que a heresia sepultára na ignorancia.

As artes não floresciam, porque os artistas não se inspiravam; estes não produziam, porque lhes faltava o ideal, o ideal não se formava, porque a Religião lhe não dava ser; e a Religião não fecundava, porque o principio da sua vitalidade, a Cruz do Redemptor, fôra apeada das ameas dos castellos, e arvorada em seu logar o estandarte da revolução! O Sanctuario estava deserto dos sacerdotes que o serviam; o canto dos psalmos e dos hymnos abafado pelos clamores da guerra; a ara sem sacrificio; o altar manchado com o sangue dos levitas, e os templos, sacrilegamente profanados pelos ferozes albigenses, estavam abandonados pelos fieis! A sombra negra d'este quadro, como a onda impellida pela tempestade, propendia a estender-se e a envolver toda a Europa nas suas trevas e obscurantismo. O flagello que então açoitava sem piedade a Italia e a França ameaçava os povos circumvisinhos. As nações restantes tremiam pela sua sorte, e era feliz aquella que no seu seio não alimentava já algum germen da calamidade que desolava as suas irmãs mais velhas. D'este pequeno numero era o venturoso Portugal, a nossa abençoada patria.

Deus, que fez as nações curaveis, e que nunca foi surdo ás preces d'um povo que se humilha a implorar o seu divino auxilio, tinha contados os dias do castigo. Quando a esperança de ver o fim a tantos males, morria em todos os corações; quando o desalento e a desconfiança se apoderavam de todos os animos, eis que o Deus Omnipotente faz nascer no Occidente um sol que irá illuminar o cahos que reina no Oriente. A sua luz será mais vivida que a do sol do mundo, porque ha de illuminar os espiritos. O seu calor mais fecundo, porque ha de resuscitar a Fé. O seu dia mais longo, porque o seu hemispherio são dois mundos. O seu precurso mais brilhante, porque o seu carro é de fogo. Os seus raios mais intensos, porque hão de amolecer rochas duras de corações impedernidos. E, finalmente, o seu declinar será prodigioso, porque, ainda depois de posto no occaso, brilhará como em pleno meio dia. Nem uma só nuvem empanará o Céo d'este sol no seu precurso. Nem uma só tempestade perturbará a serenidade do seu dia; a natureza revester-se-ha de novo brilho; todos os elementos experimentarão o seu influxo; a terra renovará a sua face. Este novo sol, que Deus creou mais prodigioso que o primeiro, foi S. Antonio de Lisboa!

O seu precurso é do Occidente para o Oriente, onde havia de ter o seu meio dia; e apenas elle começa a sua carreira, eis que os povos que jaziam nas trevas, veem raiar o dia feliz da sua resurreição. Onde chegaram os seus raios, o amor e a charidade lançaram raizes, cessaram as guerras, abraçaram-se os povos, e os homens reconheceram que eram irmãos. Onde penetrou a sua luz dissiparam-se as sombras do erro; o seu calor queimou as raizes da heresia. Ao imperio da sua voz renderam-se os tyrannos, e á sua ordem, e sob a sua protecção, os povos entoaram o hymno glorioso da liberdade de filhos de Deus, que manda servir como irmãos a irmãos, e não como escravos a senhores. A Justiça reconquistou o seu lugar na legislação; a Cruz tornou a dominar o alto dos castellos, e a adornar as armas dos combatentes; a Religião, revestindo-se da sua antiga pompa, voltou a habitar o sanctuario; os povos correram

de novo aos templos; a Fé avivou-se no coração de todos; as intelligencias tornaram a abrir-se á sciencia, e as artes viram de novo refulgir o seu ideal, mais perfeito e acabado do que nunca. Abriram-se as portas aos tempos aureos da edade media, e começou o desfilar triumphante d'esse cortejo solemne de santos, de sabios e guerreiros, que são o adorno da pagina mais brilhante dos annaes da civilisação christã. Todos, sem excepção, animados pelo zelo que ardera em Antonio, estimulados pelo seu exemplo e vivendo do seu espirito, formaram o baluarte invencivel de que a Igreja havia mister, para defender a sociedade, cuja sorte, então, como hoje e como sempre, anda ligada aos destinos da mesma Igreja.

Eis a grande obra de que Antonio é auctor!! Obra universal que se estendeu a todo o mundo; obra colossal, que os seculos não derrubaram! Por isso Antonio de Lisboa é o Santo de todo o mundo, será o Santo de todos os seculos, e, por isso, o mundo e os seculos, que sepultaram nas trevas do esquecimento os heroes mais famigerados de que a historia apenas nos conserva o nome, não esqueceram nunca as obras grandiosas de Antonio. Pelo contrario, cada vez é mais viva a sua memoria, cada vez é mais arreigada a sua devoção, e cada vez são tambem mais frequentes e prodigiosos e novos os favores que Antonio dispensa ao mundo inteiro.

Os livros sagrados e os escriptos dos Santos Padres, fallam-nos de anjos tutelares, que Deus encarregava particularmente de velar pelo seu povo escolhido. Parece, porém, que desde que Antonio appareceu na terra, esses anjos foram substituidos por elle. Não ha povo que lhe não deva o que todos lhe devem: um flagello afastado pela intercessão de Santo Antonio; uma peste que cessa ao passar da sua imagem; uma guerra coroada com a victoria que elle alcançou; um incendio voraz apagado com um copo d'agua lançada com fé no seu poder; um naufragio horroroso evitado pela invocação do seu nome. Aqui é o morto que resuscita á voz de Antonio; alli é o moribundo que volta á vida, que elle não deixou finar; além é o hereje que abraça a fé que fez grande a Antonio; aquém é o espirito maligno que abandona a presa, ao presentir a sombra de Antonio; ora é o rico que perdeu a fortuna no jogo, na devássidão e no desgoverno, e que, já convertido a melhor caminho, recupera os bens havidos pelo favor de Antonio; ora é o indigente, que, a braços com a miseria, acha o auxilio no recurso ao seu amor pela pobreza; ora é o que tem cousas perdidas, e encarrega Antonio de lhas achar. E' este a quem a maledicencia roubou a fama e a honra. E' aquelle que deseja saude. E' est'outro, cujo negocio não prospera. E' aquell'outro que emprehende uma viagem perigosa. E' a esteril que deseja filhos. E' a despresada que deseja a fama reparada pelo casamento. São, emfim, todas as miserias, todos os perigos, todos os males, que as gerações de ha sete seculos têem ido lançar aos pés do grande bemfeitor da humanidade, para que elle os afaste.

Porém, dilectissimos filhos, n'este côro immenso de acção de graças, sobresae uma voz. No tripudiar jubiloso de todas as nações, sobresae um povo. Em manifestar o seu regosijo, é mais espansiva uma cidade. Esta voz é a de Portugal; este povo é a Nação Fidelissima, esta cidade é a Rainha do Oceano.

Salve!! Salve, feliz Portugal!! Salve! mil vezes, salve!! Lisboa felicissima!!...

Portugal! Tu és grande, pelo numero de heroes em que abundaste. E's grande no accommettimento de arrojadas emprezas, porque os teus barcos dominaram os mares, e os teus navegadores descobriram novos mundos. E's grande porque as riquezas do Oriente foi a ti que pagaram o primeiro tributo. E's grande, porque as tuas armas não souberam render-se, e os teus soldados, tinham por escudo a victoria certa. E's grande pelos dilatados horisontes que rasgaste á civilisação. Mas és maior, porque a tua fé foi inexcedivel. As tuas descobertas e conquistas, foram-te disputadas; a tua fé nunca teve rivaes. O oriente negou-te os seus thesouros; tu enriquecestel-o com a tua fé. As tuas armas um dia embotaram-se, a tua fé nunca. Os teus soldados uma vez succumbiram, a tua fé nunca. O facho da civilisação que accendeste apagou-se um dia, a tua fé nunca.

Exulta Portugal! Do teu glorioso passado, resta-te a mais rica herança, e da coroa de ouro com que tu mesmo te coroaste, não foi arrancada a gemma mais preciosa, a tua fé. E o fructo de tua fé é Antonio de Lisboa. E o testemunho de que a tua fé ainda te anima; é que a devoção ao que tu mesmo creaste, ainda se não extinguiu em ti.

Sim, amados filhos, Portugal não seria tão grande sem Antonio de Lisboa; e S. Antonio não teria sido tão grande Santo sem a fé de Portugal.

Dilectissimos filhos! Ha um só triumpho immortal, porque ha uma só gloria que não morre, é a do Rei dos seculos, Rei immortal, cujo reino não é d'este mundo, e cuja gloria é além da campa; foi por este reino que Antonio pelejou, e por isso conseguiu esta gloria.

E', portanto, bem justificado o motivo de tanto jubilo que, d'um extremo ao outro, alegra todo o nosso paiz. E' amor patrio e amor religioso que o inspira. Nenhum portuguez de boa fé poderia associar-se ás manifestações de regosijo que por esta occasião se celebram que não sentisse a alma abrasar-se da chama d'estes dois amores, da Religião e da Patria.

Quem separasse um do outro matava-os a ambos; quem se pronunciasse exclusivamente por um, manifestava claramente que não possuia nenhum d'elles. Quem mais patriota que os nossos homens de fé? Quem de maior fé que os nossos grandes patriotas? O que fez grande a Antonio de Lisboa, senão a fé que lhe inoculou na alma aquella Santa, que foi Thereza de Taveira, sua mãe? e quem o arrojou ao fastigio glorioso que assumiu em todo o mundo, senão o sangue d'aquelles martyres, mortos pela fé? Antonio não conquistou a gloria que hoje o circunda pelas batalhas que deu, pelas bandeiras que venceu, pelos reinos que sujeitou, ou pelas descobertas que fez. Ha uma só cousa que o fez grande, e encerra todas as grandezas que n'elle admiramos: foi o ser Santo, e foi Santo pela fé, por aquella fé que foi sempre o primeiro titulo de nobreza da nossa fidalguia, e a unica scentelha que nunca se apagou na alma do nosso povo.

E Portugal bem o conhece; sabe a quem deve a sua maior gloria, e tem-se mostrado grato para com ella, não se tornando indigno da fama que alcançou. O seu amor e a sua devoção por Antonio, não tem limites. Desde o mais illustre de seus monarchas, ao infimo pro-

letario da plebe, não ha quem o não invoque; não ha quem se não descubra perante a sua imagem veneranda, e, ao ouvir pronunciar o seu nome, experimente no coração uma alegria e confiança desusadas. E' porque Antonio, além de ser Santo e grande Santo, é nosso; e o ser nosso dá-nos mais confiança, inspira maior amor e devoção. Esta confiança e devoção, é antiga e nobre. Tudo quanto é nosso está consagrado a Antonio. Os monarchas consagram-lhe a sua pessoa, o seu reino, o seu exercito, a sua armada, os seus povos.

D. Sancho II, quiz imital-o até no habito, vestindo o de S. Francisco, a cuja Ordem pertenceu S. Antonio. As pinturas d'este rei representavam-no assim vestido.

D. Diniz desvelou-se em propagar a devoção a este prodigioso Thaumaturgo, depois do milagre succedido em Santarem, pelo qual S. Antonio, apparecendo a uma infeliz, que se ia afogar no Tejo, livrou-a da morte temporal e eterna.

D. João III impoz a um de seus filhos o nome de Antonio, para que a sua familia fosse abençoada pela protecção do mesmo Santo.

D. João IV inscreveu-se na confraria de S. Antonio de Lisboa, que tomou debaixo da sua protecção, ordenando que a camara d'esta cidade lhe pagasse todos os annos certa quantia.

D. João II mandou edificar uma igreja no sitio da casa onde nasceu este Santo, obra concluida por D. Manoel o venturoso.

D. Affonso V dedicou-lhe a armada, impondo o nome de S. Antonio á nau principal das que mandou soccorrer Constantinopla.

D. Affonso VI alistou-o no exercito portuguez, para que S. Antonio fosse o penhor de suas victorias; sendo promovido no tempo de D. Maria I, a tenente-general. O regimento da cidade de Lagos, Nossa terra natal, gloria-se de lhe haver levantado um magnifico templo, e de o honrar em seu altar principal, com a banda d'official superior, cingindo-lhe o habito franciscano.

Era assim, amados filhos, que os nossos maiores tinham em alto apreço a devoção a S. Antonio, seguros de que não podiam achar mais desvelado e interessado protector. Este exemplo, partindo de tão alto, callou com facilidade no animo docil e devoto do nosso povo. Não ha lugar na nossa terra portugueza, não ha familia, não ha individuo, que não conserve com amor a sua imagem, e com ella a lembrança d'um favor.

Porém, amados filhos de Lisboa, é a vós que compete a maior parte no jubilo que vai em toda a nossa cara patria» A gloria do filho é gloria da mãe. Lisboa, já tão celebrada nos antigos tempos, aquella que para o Oriente era tida como a cabeça do Occidente, chamada, por isso, a mui illustre cidade dos Francos, viu subir de ponto a sua fama, por ter sido o berço do heroe que o Occidente catholico venera, e que o Oriente infiel respeita. —

Lisboa! Não é só o marmore e granito de teus palacios que te fez celebre. Não é só o teu porto grandioso, que abriga os marinheiros do mundo inteiro, não são sómente os mares, de que tu possues a chave, que dilatam o teu nome. Ha em ti maior gloria. Um filho teu é rei do mundo, rei das intelligencias, rei das vontades e dos corações! Sim, aquelle teu filho, que tu déste á luz ha sete seculos, cujo natalicio venturoso tu te propões celebrar dignamente, não morreu; vive e reina!

Vê, Lisboa, como elle ainda hoje governa os corações, convertendo-os para Jesus seu Mestre e Senhor! Vê como elle ainda dirige as intelligencias, agrupando os sabios em volta dos livros inspirados, que elle deixou escriptos por ordem do Papa Alexandre IV. Vê como elle ainda derrama graças sobre todas as nações! Vê como anima as artes, que se concentram em volta de seu berço, e do seu tumulo, para lhe erigirem o maior monumento, que o seu genio lhes inspirou. Vê como elle desenvolve o commercio, protegendo as naus que tomam o seu nome! E tu, Lisboa, tu tens a gloria de todas estas glorias!

E' verdade que Padua te disputa a palma, chamando seu ao que só é teu; porque possue o tumulo de teu filho; mas quanto mais risonho não é o berço, que o tumulo! Ainda que para os Santos mais glorioso é o tumulo que o berço, todavia, é tanta a gloria que te cobre, por teres dado um tal berço, que dispensas a que te poderia advir por teres aberto mais um tumulo. Antes, foste generosa, dispensando aquella gloria de que não carecias.

Lisboa, tres vezes feliz, exulta! Tu a cabeça de Portugal, tu o padrão da sua gloria, tu o coração da sua fé!

Illustres filhos de Lisboa, eu vos bemdigo e me congratulo comvosco, pelas deslumbrantes manifestações, com que quereis honrar o vosso patriota, dando por esta fórma a nacionaes e extrangeiros o mais solemne testemunho da vossa fé, da vossa piedade e do vosso amor patrio. E desde já vos pedimos encarecidamente, amados filhos, que, pelo amor do heroe que vamos celebrar, os vossos festejos, as vossas alegrias, as expansões de vosso jubilo, se não tornem indignas d'elle. Que se evite, quer nas procissões, quer nas funcções de Igreja, ou qualquer outro acto religioso, todo o procedimento menos conveniente aos vossos brios de Nação Fidelissima entre as catholicas, e de povo serio e sensato. Não experamos de vós outra cousa, e estamos certos que sabereis manter immaculada a nossa honra e o prestigio do nosso nome de portuguezes.

A Nós como Pastor, ainda que indigno, da porção da grei da S. Igreja, que Jesus confiou ao Nosso cuidado, á qual cabe a maior parte do presente jubilo universal, compete organisar as festas religiosas, que na Nossa cara diocese, e principalmente n'esta cidade, hão de ter lugar, para condignamente celebrar o grande Thaumaturgo.

Havemos, pois, por bem approvar e fazer-vos conhecer o programma d'estas funcções, que é como segue:

1.º Festa na Real Casa de S. Antonio, a 13 do proximo mez de junho.

2.º Nos dias 17, 18 e 19, sermões, exposição e benção com o Santissimo, na Sé Patriarchal, Santo Antonio e S. Vicente de Fóra; um só dia em cada Igreja.

3.º No dia 20: Communhão Geral nas mesmas Igrejas.

4.º No dia 22: matinas solemnes em S. Vicente de Fóra.

5.º No dia 23: Pontifical e Benção Papal na mesma Igreja.

Pelo S. Padre o Papa foram concedidas as seguintes graças para a cidade de Lisboa:

1.º Indulgencia plenaria no dia 13, ou em qualquer outro dia da oitava de S. Antonio. As pessoas que desejarem

lucrar esta indulgencia deverão fazer uma boa confissão e communhão, visitar as Igrejas de S. Antonio, S. Vicente de Fóra, e Sé Patriarchal, e ahi orar segundo as intenções do Romano Pontifice.

2.º Faculdade aos confessores, durante a oitava, para absolverem dos peccados reservados á S. Sé.

Em virtude das faculdades extraordinarias que temos, havemos por bem conceder:

1.º Licença para uso de carne desde o dia 28 de junho até 6 de julho inclusivé, aos fieis que se acharem em Lisboa, attenta a concorrencia, que, por esta occasião, acudirá a Lisboa; ficando tambem dispensados do jejum que nos mesmos dias occorrer; o que será substituido por uma esmola aos pobres.

2.º Indulgencia de trezentos dias, nas visitas ás Igrejas para isso destinadas. Fóra de Lisboa será a Igreja parochial, ou qualquer outra.

3.º A mesma indulgencia em cada dia do Triduo que se celebrar, onde quer que a elle se assista.

4.º Indulgencia de cinco annos aos que participarem da Communhão Geral, em qualquer das egrejas acima mencionadas, ou em qualquer outra, havendo n'isso muito incommodo. A mesma graça aos de fóra de Lisboa, no dia 13 de junho, havendo em sua freguezia Communhão Geral.

5.º Benção Papal na festa de S. Antonio em S. Vicente de Fóra, no dia 23 de junho.

No dia 30 sahirá de S. Vicente de Fóra a Procissão Solemne de S. Antonio; e nada Nos é tão grato, como rogar e convocar desde já para tão grandiosa manifestação: Clero, Nobreza e Povo. Que n'este dia não deixem os que se acham constituidos em auctoridade, todas as corporações religiosas de homens com seus superiores, todas as Irmandades com os seus Parochos, todas as Pias Associações com seus Presidentes, de dar publico testemunho de fé e piedade, n'esta imponente, e talvez a mais solemne manifestação, que Lisboa terá de representar, perante nacionaes e estrangeiros.

E para que todo o Patriarchado se associe ao regosijo da Metropole, honrando a S. Antonio que por toda a parte é venerado: Ordenamos que em todas as freguezias de fóra da cidade se faça um triduo de preces deante da imagem do Santo, que podem constar: da recitação da Coroa Seraphica, ou qualquer outra devoção ao Santo; e que durante o triduo se disponham os fieis para uma communhão geral, no dia 13, afim de mais facilmente se poderem alcançar as indulgencias que acima estão concedidas aos que residem fóra de Lisboa; e assim, cada vez mais os povos se afervorem na devoção para com tão grande intercessor no tribunal do Supremo Juiz.

Desejamos ainda recommendar, de um modo mui particular, á Commissão Executiva dos festejos, que não olvide as viuvas pobres e honestas da cidade, bem como as Instituições Religiosas que vivem das esmolas dos fieis, mormente aquellas que seguem a vida religiosa na Ordem de que é inclyto filho, S. Antonio.

Talvez nenhum acto dos festejos, será tão agradavel ao glorioso Thaumaturgo, como aquelle em que se favorecem seus irmãos na religião, e no

qual se pratica uma das mais bellas virtudes do Santo, que foi o amor pela pobreza, legando, para imitar o Divino Mestre, a herança paterna aos pobres, e passando elle mesmo a viver da caridade publica, na Ordem Franciscana.

E, porque com a celebração do VII centenario de um illustre entre os mais illustres defensores da causa catholica, se relaciona a celebração do primeiro Congresso Catholico Internacional, que no dia 25 de junho proximo, depois de rezada a missa do Espirito Santo, deve abrir-se em S. Vicente de Fóra, ao meio dia; para elle convidamos os homens de boa vontade e santas crenças, que desejarem robustecer-se na fé catholica apostolica romana com os importantes assumptos, que, por essa occasião, serão tratados por oradores que saberão desempenhar-se com a competencia que se lhes reconhece, e que exige a solemnidade de acto tão importante.

Seja esta Nossa Carta Pastoral, depois de competentemente registada, remettida ao Nosso Rev.mo Cabido, Rev.mos Desembargadores da Nossa Relação, Vigarios Geraes e da Vara, Rev.dos Superiores das Casas Religiosas, Rev.dos Parochos das freguezias, para ser lida á Estação da Missa Conventual em dois ou mais domingos immediatos á sua recepção, e por fim afixada em lugar patente, para que não olvidem os fieis as graças que lhes estão concedidas, e as possam aproveitar.

Dada em o Paço de S. Vicente de Fóra, sob o Nosso Signal e Sello Grande das Nossas Armas, aos cinco dias do mez de Maio, festa do Patrocinio do Glorioso Patriarcha Senhor S. José Beatissimo esposo da Immaculada Virgem Maria.

Logar + do Sello.

JOSÉ III CARDEAL PATRIARCHA.

Carlos Alberto Martins do Rego,
Secretario da Camara Patriarchal.

Secção Historica

HISTORIA DE S. ANTONIO DE LISBOA

CAPITULO III

O Samuel portuguez

O apostolado da mãe christã. — A educadora modelo. — Desprendimento e piedade de Fernando, sua caridade e devoção a Maria. — O primeiro sacrificio. — O novo Samuel. — Talento extraordinario de Fernando e seus rapidos progressos nos estudos. — Singulares virtudes com que resplandeceu na cathedral de Lisboa.

Domine, prævenisti eum in benedictionibus dulcedinis.—Ps. XX, 4.

Não é facil conceber os grandes bens que espalha no seio da familia uma mãe verdadeiramente christã. Bem póde comparar-se á mulher forte da Escriptura; é uma perola preciosissima e de incalculavel valor.

O filhinho é para sua mãe como a hera que não póde, por si só, crescer, arrima-se ao frondoso carvalho, com elle se abraça, para receber o sustento e a vida. Se o alimento é bom cresce e desenvolve se; se é máo, pobresinha! murcha, definha-se, cai, morre.

Assim é a criancinha.

Ao abrir da intelligencia, quando é o desabrochar dos affectos, tem em perspectiva o bem e o mal. Precisa de guia, esse guia é sua mãe; se o coração da mãe está corrompido, triste sorte espera o pobresinho; mas, quando o coração da mãe é bem formado, é piedoso, é christão, espera-o decerto um futuro de ventura, de prosperidade e de paz.

Bemaventurados os filhos que tiveram uma mãe piedosa! Cedo ou tarde se conhecerão os fructos por ella produzidos.

Foi o que aconteceu com Fernando.

*

Os primeiros annos passou os o nosso Santo sob as vistas e debaixo da cuidadosa vigilancia de Theresa Taveira, sua mãe; que reconheceu desde logo, com seu piedoso marido, no menino, que o ceu lhes concedera, qualidades verdadeiramente extraordinarias.

Apenas Fernando começou a balbuciar, quando Theresa Taveira principiou tambem a desenvolver, com actividade e solicitude, o seu piedoso apostolado. Fazia-lhe repetir muitas e muitas vezes os nomes santissimos de Jesus e Maria; e foram estes os primeiros que pronunciou, antes mesmo de ter repetido o doce nome de mãe.

Ainda não fallava claramente, e já recitava com muita devoção e piedade a saudação angelica — *a Ave-Maria.* D'esta Mãe do ceu lhe fallava D. Theresa muitas vezes, exaltando-lhe o grande poder, descrevendo-lhe a bondade

ineffavel e ensinando-lhe a pôr na Mãe de Deus toda a sua confiança. [1]

Muitas vezes estreitando Fernando em seus braços, lhe dizia, com palavras repassadas de zelo e de materno amor: — Lembra-te, filho, que és christão, e que, no momento em que recebeste este grande favor, prometteste a Deus, renunciar ao demonio, ao mundo e a suas vaidades e enganos. [2]

Fernando, apenas sahido do berço, fez-se logo notar pela delicadeza de sua consciencia e pela pureza dos seus costumes.

Quem não sabe como costumam ser os meninos da sua edade? Toda a sua alegria e contentamento põem na posse de certos brinquedos, que não trocariam por todas as riquezas do mundo, cujo valor ignoram.

As creancinhas onde se não encontra esta natural inclinação, tão propria da sua edade, são um verdadeiro phenomeno. E n'isto bem podemos dizer que o nosso hemdito santo foi verdadeiramente phenomenal. Todos admiravam n'elle um tino, uma sizudez, uma sabedoria, mais propria de quem havia encanecido pelo tempo e canceiras, do que um menino que pouco havia deixara as mantilhas. Todas suas attenções dirigia para seus paes, contemplando com especial cuidado as suas virtuosas acções, e procurando, quanto lh'o permittia sua pouca edade, imital-as.

Toda a sua consolação era estar nos templos do Deus vivo e ahi levantar olhos e mãos ao Senhor d'elles; era singular sua alegria, quando lhe era permittido visitar os mosteiros, onde podesse ver aquelles que haviam trocado os prazeres do seculo pelos rigores do claustro. Sentia especial regosijo, quando lhe permittiam estender as mãosinhas ao pobre mendigo, para, com o obulo da caridade, alliviar a sua miseria e indigencia. [3]

Para a santa oração, que é, a bem dizer, um anhelo do coração christão, sentia Fernando, ainda tão menino, uma inclinação, co-natural. O nome de Deus era para elle, á maneira d'um suavissimo concerto de celestes harmonias; e, por isso, ao ouvir este nome sacratissimo, todo se enlevava em santa alegria, recolhendo todas suas potencias e sentidos na adoração d'Aquelle supremo Senhor.

Onde elle porém mais de ordinario abria seu coração, tão inclinado ás cousas do ceu e para onde tudo o convidava, era quando podia ir á Sé de Lisboa, que ficava defronte de sua casa, e ahi lhe era licito fallar só a só com a Virgem Santissima. Ahi, de joelhos, descobria todos os segredos do seu coração a Maria; e foi n'uma d'essas occasiões que, levado d'um transporte affectuoso para com Maria, e movido pelo ardente desejo de a imitar, que elle, como referem auctores graves, fez voto de perpetua virgindade. [4]

E não seria acaso premio d'esta tão terna e santa devoção que mereceu da Immaculada Mãe de Deus a graça dos santos colloquios, dos familiares entretenimentos e piedosas praticas que com elle tinha Maria, como escreve Cardoso ser constante fama em seu tempo? [5]

A este familiar e intimo commercio do nosso glorioso Santo com o ceu, e ao voto que de si fez a Deus, se refere de certo o hymno tirado de antigos monumentos: — «O' Antonio, servo de Jesus Christo, allegra-te; porque de tenros annos a graça de Deus, que animava teu espirito te guiava pelo caminho do ceu. [6]

*

Chegou finalmente para Fernando o momento de receber uma educação que de modo algum desdissesse da nobreza de seus paes e do esplendido futuro que a divina providencia lhe destinava.

Florecia então na Sé de Lisboa um collegio de meninos, dirigido pelos virtuosos conegos d'aquella antiquissima cathedral, e onde, a par de uma educação litteraria á altura dos tempos, se educava o coração dos filhos das mais nobres familias da capital.

Aquelles bons sacerdotes tornaram se benemeritos pelos serviços que então prestaram ao nosso Portugal, preparando gerações que tivessem a peito a defeza dos sagrados direitos de Deus e da Egreja, e que mais tarde, servissem de poderoso auxilio ao restabelecimento da ordem social da Europa, tão alquebrada n'aquelles tempos de continuas guerras e contendas.

Foi n'esta eschola, que, bem podemos dizer, era da Mãe de Deus, que os paes de Fernando foram collocar, para ser educado, o filho que tanto amavam [1].

Thereza Taveira, se, como Anna de Ephraim cheia de fervor havia pedido a Deus que lhe concedesse um filho; com ella, foi-o tambem levar ao seu santo templo, para ser instruido na sciencia e na virtude.

E quantos paes deverão de aprender e imitar Thereza Taveira, n'este zelo de dar a seu extremoso filho uma educação verdadeiramente solida em todos os sentidos?

Muitos dizem que a educação é tudo. «Tanto não direi eu»; mas que da educação depende, a maior parte das vezes, o futuro feliz ou infeliz do homem, isso é que é indubitavel. E ahi está a razão porque, no tribunal de Deus, serão gravissimas as contas que hão-de dar os paes, por causa do grande descuido que ha em dar uma educação verdadeiramente christã aos filhos, mormente no que diz respeito a bons exemplos, de que tanto depende o bom resultado da educação.

Fernando segundo nos referem os biographos da sua vida, possuia a par d'um coração d'ouro, extraordinaria intelligencia; por isso foram rapidissimos seus progressos.

Os filhos dos principes passam ás vezes por sabios, sem o serem; mas Fernando deu razão aos seus panegyristas. Apprendeu com grande facilidade o latim, as humanidades, a Rhetorica e a Philosophia. O ardor com que se applicava aos estudos; a inergia com que olhava de frente todas as difficuldades, que a sciencia offerece, e a promptidão com que as resolvia, eram o regozijo e a ufania dos mestres, a admiração e o espanto dos condiscipulos.

E, note-se bem, que o genio nos santos não é o principal, é simplesmente um accessorio. Fernando era a admiração de todos os que o conheciam e falavam, mormente por qualidades superiores ao genio. Os seus conhecimentos cresciam e se desenvolviam, mas haviam sido plantados e cimentados ao pé do altar: e por isso era uma arvore tenra ainda; mas que já produzia flores e fructos, maravilha esta que a Philosophia humana, póde admirar, mas não explicar, porque desconhece os milagres que pode e sabe produzir o sublime influxo da divina graça.

O novo escholar tinha uma gravidade encantadora; não o attrahiam folguedos pueris; não dizia palavras inuteis; amava com singular affecto o silencio, elevando-se por este meio acima das cousas da terra e unindo-se a Deus estreitamente; sua alegria significava-a com um riso modesto, e d'est'arte patenteava claramente, com seu modo de proceder, e ainda tão menino, o apreço em que tinha as vaidades da terra.

Humilde a seus olhos, reconhecia os dons recebidos de Deus; amavel com os amigos, charitativo com presentes e ausentes, de ninguem julgava, como de ordinario acontece com os espiritos perspicazes. Respeitava religiosamente seus mestres, aprendendo do Espirito Santo que o insensato escarnece dos conselhos de seu pae, e, esqui-

1 *Paul Guérin.*, Palmier Seraphique, XIII Juin.

2 *Paolo Frambotto.* Relazioni di S. Antonio di Padoua.

3 Vita Anonyma. C. I.

4 Angelico de Vicenza C. I. e com elle todos ou quasi todos os biographos do Santo.

5 Agiol. Lus. 13 de Junho.

6 Grande, Antoni, serve Christi,
Quod ætate tenera
Plenus gratia fuisti;
Ut ires ad ætera.
Chavin de Malan, Histoire de S. François d'Assise.

1 Alguns auctores disseram que Fernando foi menino do côro, no sentido em que presentemente se toma este officio nas nossas Cathedraes; mas é manifesto engano, porque nem a nobreza nem a posição que occupavam seus paes o consentiriam. Fernando foi educado pelos Conegos da Sé de Lisboa, como o foram S. Thomaz d'Aquino e S. Placido pelos religiosos de S. Bento. Se n'este sentido se diz que S. Antonio foi menino do côro, não repugno.

vando-se ao jugo da disciplina, despreza a sua alma [1]. Este respeito estendia-se aos paes, aos sacerdotes, aos reis, aos velhos, a todos aquelles, n'uma palavra, em quem divisava um raiosinho da divina grandeza e magestade.

Fernando nada ouvia com tanto prazer como os louvores da Trindade Santissima e de Nossa Senhora. Deus tinha a parte principal do seu coração. Retirava-se á solidão onde lhe fallava o Senhor do ceu, e a quem Fernando descobria todos os seus segredos.

A Liturgia catholica attrahia-o especialmente; arrebatavam-no os hymnos sagrados, as pompas do culto, a belleza dos altares, e sob todas estas formas procurava a Deus, descobria-o e abraçava-o affectuoso.

Já de menino, era Fernando apaixonado por Jesus Crucificado, a quem seguiu até o Calvario, morrendo com Elle e por Elle n'uma immolação voluntaria.

Com a contemplação da santa cruz aprendeu o segredo do soffrimento, que ella nos ensina; e, por isso, mortificava o corpo com frequentes jejuns e disciplinas, preparando o caminho aos heroicos sacrificios, com que ao depois espantou o mundo com seus sublimes exemplos.

Fernando era em todas suas acções um anjo na pureza, um seraphim no amor, um martyr no espirito de sacrificio.

(Continua)

Quadro de S. Antonio, na Basilica de S. Sebastião, fóra dos muros, em Roma, pintura de Fracassini

CHRONICA DA PIA UNIÃO

O Rev.mo P.e Geral da Ordem de S. Francisco pediu a S. S. Leão XIII que lhe concedesse a faculdade de estabelecer em cada nação um centro secundario sugeito ao de Roma, pedindo tambem para poder delegar a faculdade de admittir para a Pia União em sacerdotes tanto seculares como regulares.

S. Santidade, por meio da S. C. das Indulgencias, dignou-se deferir a petição por meio do seguinte decreto:

1 Pron. XV. 5,32.

«A Sagrada Congregação das Indulgencias e Sagradas Reliquias, usando dos poderes que lhe foram especialmente concedidos pelo N. Santissimo Senhor, o Papa Leão XIII, benignamente concede as faculdades segundo a petição feita; e isto em virtude do presente decreto, que valerá *in perpetuum*, sem que seja necessaria a expedição de qualquer breve, e não obstante qualquer cousa em contrario.

Dado em Roma, da Secretaria da mesma S. Congregação, dia 6 de abril de 1895.

Fr. Ignacio, Cardeal Persico, Prefeito.

L. † S.

† *Alexandre, Arceb. Nicop.*, Secretario.»

A Pia União tem encontrado por toda a parte as maiores sympathias, e o mais decidido e lisongeiro acolhimento. O Rev.mo P.e Geral da Ordem Seraphica dizia na sua petição, feita á S. C., que já contava 100:000 associados. Ainda hoje a falta de espaço nos obriga a omittir algumas singularidades dignas de menção. Paciencia; fica para a outra vez. Entre nós entraram até ao dia 7 de abril:

Associados do numero passado	6:907
Do Patriarchado de Lisboa, 226, sendo:	
Lisboa (devido ao zelo da Ex.ma Snr.a D. Maria da Conceição Ruas d'Abreu)	107
Setubal	38
Torres Vedras	17
Ramalhal	19
Encarnação	4
Varatojo	5
Palhavan (Lisboa)	15
Cascaes	2
Villar	12
Otta	1
Infesto	6
Do Arcebispado de Braga, 531, sendo:	
Braga	391
Guimarães. Esqueceu de publicar no ultimo numero o nome do zelosissimo senhor que tanto tem trabalhado na diffusão da nossa Pia União, o Ex.mo Sr. Manoel Joaquim d'Oliveira Bastos. Era dever de justiça; fica pois reparado o involuntario esquecimento.	
Arcos	1
Barcellos	5
Dume	9
Ponte da Barca	42
Porto d'Ave	39
Basto	6
Brunhães	24
Roriz	3
Garfe	9
Povoa de Lanhoso	2
Do Arcebispado d'Evora:	
Villa do Redondo	27
Do Bispado do Porto, 26, sendo:	
Porto	1
Varzea do Douro	1
Sardoura	7
Fornos	15
S. Martinho	1
S. Miguel d'Entre os Rios	1
Do Bispado de Coimbra, 195, sendo:	
Tentugal	28
Arega	167
Do Bispado de Lamego, 75, sendo:	
Lamego	16
Castro Daire	27
Resende	32
Do Bispado de Bragança:	
Mogadouro	141
Do Bispado do Algarve, 11, sendo:	
Paderne	9
Boliqueme	2
Do Bispado de Vizeu:	
Vizeu	3
Recebemos tambem do Brazil	5
Total dos associados	8:147

CULTO DE S. ANTONIO

Maximas de S. Antonio para todos os dias do mez [1]

1 — Deve a alma considerar o nada que tem de si mesma; e a sua preciosidade, quando seja ornada com a graça de Deus.

2 — A tribulação obtem-nos a paciencia, refreia os sentidos exteriores, purifica os affectos interiores, espiritualisa em certo modo todos os sentidos, contribue singularmente para conhecer as cousas divinas, leva-nos a recordar e conhecer os beneficios recebidos, faz fugir as tentações e illumina o entendimento.

3 — Quando o peccador gemer sob o peso de suas iniquidades, deve deixar o peccado e privar-se até dos prazeres licitos.

4 — Se o peccador quizer sarar de suas enfermidades espirituaes, deve depôr todos seus peccados, mediante uma boa confissão, purificando-se com suas proprias lagrimas.

5 — Quanto mais tempo tiver o peccador permanecido na culpa, tanto mais duradoura deve ser a sua penitencia, depois da sua conversão.

6 — O fim da pregação é preparar as almas, para receberem a Deus.

7 — Quatro são as propriedades do juizo universal que mais nos aterram: — O chamamento geral, pois todos, sem excepção, hão-de ser imperiosamente citados a juizo; a situação local, porque nenhum dos reprobos terá logar entre os bons; a discussão especial, porque serão examinados os meritos e peccados de cada um; e o completo castigo, que se ha de seguir para os maus, tanto na alma como no corpo.

8 — E' certo que ha de haver um juizo universal; mas não sabemos o dia nem a hora.

9 — Não ha cousa mais certa do que a morte; nem mais incerto do que a hora da morte.

10 — Quiz Deus occultar-nos a hora da morte para que sempre estejamos preparados para ella.

11 — Os peccadores serão sepultados nos profundos abysmos, para jámais haja d'elles memoria.

12 — São concedidos n'esta vida, aos reprobos, todos os bens que appetecem, á maneira d'aquelles enfermos desesperados dos medicos, a quem se concede tudo o que appetecem.

13 — Não devem os bons invejar os prazeres e felicidades dos maus, porque são os caminhos difficeis e desabridos que conduzem ao reino dos ceus, emquanto que os prados amenos levam directamente ao inferno.

14 — Que farão no dia de juizo os pobres e miseraveis peccadores, quando tiverem a certeza de sua eterna condemnação, só por não quererem n'este mundo fazer penitencia, quando se lhe manifestam seus crimes e boas obras?

15 — Assim como a luz corporal faz que appareçam as figuras dos corpos, bellas ou deformes, segundo a qualidade das côres, assim a luz infinita de Deus manifestará com seus resplendores o bem ou o mal que houver nos corações.

16 — No dia de juizo, os justos verão o Juiz Supremo, em sua formosura, alegre, festivo, manso e benigno; os condemnados, porém, vel-o-hão triste, severo e horrivel, nem hão-de poder resistir a seus olhares.

17 — Jesus Christo é um hospede, que chama continuamente ás portas da nossa consciencia.

18 — Os que por meio da contemplação se elevam a Deus, são como as pombas, que não encontram no diluvio d'este mundo onde pousar os pés de seus affectos; mas só n'elle descobrem os cadaveres corrompidos dos peccadores.

19 — Por muito sabio que seja cada um, deve sempre procurar o conselho do sacerdote, quando se trata da salvação da alma.

20 — O homem deve em todos os tempos implorar a divina graça.

21 — Até quando, ó homem preguiçoso, estarás dor-

[1] Tiradas fielmente das suas obras.

mindo, voltando-te para um e outro lado, isto é, de um peccado para outro peccado?

22 — Medita nas iniquidades que tens commettido, no goso que perdeste e nos tormentos que por ellas merecestes.

23 — O divino Salvador habita no fecundissimo monte de sua misericordia, d'onde manam abundantes mananciaes de graças. E' este o monte de Deus, monte fertilissimo.

24 — Alma, pede a Deus que te livre da escravidão do peccado, e te restitua a propria consciencia, dizendo: Senhor, ajudai-me.

25 — Quando o homem aparta de si, pela culpa o Sol de justiça, se esfria e gela o humor da devoção, secam-se os ramos da caridade, cahem as folhas da conversação honesta, murcham as flores da devota oração e perdem-se os fructos das obras meritorias.

26 — Muitas vezes tolera o demonio que o peccador se approxime da confissão; mas torna-o a sujeitar ao demonio do peccado. Mas, se a alma se não aparta tambem do peccado, cahirá nos supplicios eternos.

27 — O mau exemplo desvia muitos do caminho da virtude.

28 - O homem por suas proprias forças, não póde chegar nem a obter a gloria, nem a merecer sequer a graça.

29 — Oh infeliz peccador, escuta as creaturas que passam por diante de ti, escuta o que ellas te dizem do teu Creador.

30 — Manifesta a Deus tuas miserias e implora sua divina clemencia.

31 — Tudo passa, só o amor de Deus não passa, porque a caridade nunca desfallece, como diz S. Paulo.

FESTAS CENTENARES EM PORTUGAL

Lisboa. — Villa de S. Antonio — Foi approvado pela Camara municipal de Lisboa o projecto da Villa de Santo Antonio, destinada a albergue de operarios, que deve ser aberto n'uma propriedade da rua da Junqueira pertencente ao snr. Conde de Burnay. No mesmo predio será estabelecida pelo snr. Conde uma cosinha economica.

Hymno official. — Na parada da guarda municipal, foi executado, pela banda da mesma guarda, o hymno official para o 7.º centenario de S. Antonio; é composição do illustre maestro o snr. Augusto Machado.

Sello annuncio. — O sello annuncio de S. Antonio, já se acha á venda em varios estabelecimentos de Lisboa. Custa 10 reis. Os pedidos para revender devem ser dirigidos ao secretario da commissão executiva, Praça do Municipio, 32, 2.º. A venda é feita por folhas que conteem 91 sellos e custam 750 reis.

Congresso. — Virão ao Congresso Mr. Richard, Arcebispo de Paris, Mr. de Hulst, e o Arcebispo de Saragoça e outros arcebispos e bispos de Hespanha e do Brazil. Consta que fallarão no congresso outras notabilidades do estrangeiro.

Rua do Ouro. — Foi apresentado um projecto de ornamentação da rua do Ouro. Segundo o projecto os candieiros de illuminação publica são substituidos por palmas de luzes de variegadas côres, tendo cada um 31 bicos.

R. Nova do Almada. — A commissão de logistas da R. N. do Almada deliberou que os festejos n'aquella rua se façam nos dias em que se realisar o grande arraial no Terreiro do Paço.

R. do Arco da Graça e calçada do Garcia. — Organisou-se n'estas duas ruas, uma commissão para festejar o 7.º centenario.

Praça de D. Pedro. — Reuniu-se na camara municipal de Lisboa, a commissão dos festejos na praça de D. Pedro. Presidiu o snr. Conde de Restello. As ornamentações e festejos, segundo parece, constarão de fontes luminosas no lago do norte, illuminação a gaz em todas as casas da praça, illuminações á veneziana á altura das arvores, com grande profusão de balões, grandes fócos de luz electrica. O lago da parte do sul desapparecerá e n'este local erguer-se-ha um grande pavilhão em fórma de ermida, onde haverá venda de mangericos, etc., e ali tocarão as musicas.

Praça da Figueira. — A commissão da Praça da Figueira reuniu sob a presidencia do snr. Conde da Guarda, e resolveu-se que seriam convidadas bandas de musica para tocarem na praça durante os festejos e que se fariam duas subscripções: uma para as festas de S. Antonio no mercado, outra para a creche dos filhos dos vendeiros do mesmo mercado.

Pena. — Vão muito adiantados os trabalhos da commissão dos festejos na freguezia da Pena, tencionando abrir a kermesse no Campo dos Martyres da Patria. Ha já uns 500 objectos para premios, entre elles alguns de valor, como um bule de louça de Sèvres e objectos da India e Japão.

Braga. — Em Braga, na Praça Municipal, projectam-se luzidos festejos por occasião do 7.º centenario. Esperamos que no resto da cidade não deixarão tambem de fazer solemnes festejos.

Braga não deixará de acompanhar o grande movimento patriotico e religioso que tem suscitado em Portugal e lá fóra o nosso grande Portuguez — S. Antonio de Lisboa!

Coimbra. — Em Coimbra ha tenção de celebrar o 7.º centenario com uma memoria historica e artistica collaborada por escriptores conimbricenses, e com a instituição do Pão de S. Antonio.

Evora. — Por occasião do 7.º centenario haverá uma exposição na bibliotheca de Evora.

Guimarães. — No Seminario pequeno de Guimarães reuniram-se diversos cavalheiros para resolverem nas medidas a tomar para a celebração do 7.º centenario, ficando nomeado presidente honorario o snr. Arcebispo Primaz.

Vianna do Castello. — Preparam-se festejos em Vianna. Entre outros haverá dois saraus, onde os bombeiros voluntarios representarão o drama — «S. Antonio».

Santarem. — A banda de musica Ribeirense de Santarem, dirigida pelo seu mestre, Filippe Stoffel, abrilhantará os festejos antonianos que se celebrarão em Lisboa.

Covilhã. — A direcção do Club União da Covilhã deliberou, em sessão extraordinaria, constituir-se em commissão para festejar n'aquella cidade, com a maior pompa e enthusiasmo, o centenario de S. Antonio. Abrir-se-ha uma subscripção publica, com succursaes em todas as fabricas e casas de commercio.

Setubal. — A fanfarra dos bombeiros voluntarios de Setubal, por consideração á corporação dos voluntarios da Ajuda, irá a Lisboa tocar n'um coreto que para esse fim lhe será destinado na Praça d'Alegria.

Angra (Açores). — Em Angra do Heroismo organisou-se uma commissão entre os officiaes do regimento de caçadores 10, para festejarem tambem o 7.º centenario.

* * *

CHRONICA DO PÃO DOS POBRES

Graças a S. Antonio!

Já os pobresinhos do nosso Portugal, e especialmente os de Braga, começam a conhecer praticamente a caridade do grande Filho de S. Francisco, do grande Apostolo da Italia no seculo XIII.

Elle que tanto amava os pobresinhos, os desgraçados, os infelizes do corpo e do espirito, continúa lá do céo a pedir a Jesus pelos que tanto amára na terra.

O Pão dos Pobres é o instrumento. Quantas virtudes a um tempo se não praticam com tão salutar instituição! O *infeliz* pede com fé, com ardor, com devoção; o *rico* abre a sua bolsa e vae ter com S. Antonio, e, humilde e agradecido, lhe diz: — Ahi tens, bom Santo, é para os teus pobresinhos; o *peccador* pede, roga, insta e obtem a graça que pedira; os *desvalidos*, os *famintos*, vão ter com S. Antonio, e, com as lagrimas nos olhos, pedem: — Oh amigo dos pobresinhos, dae nos um pãosinho, temos fome. E S. Antonio abre o seu cofre e distribue a todos graças, consolações, pão, tudo.

Bem hajas, bom Santo! Oh piedoso S. Antonio, valei tambem á nossa pobre sociedade que se esphacela, valei ao nosso Portugal, valei lhe, que tanto precisa!

*

Braga está dando o exemplo. Sigam-no as outras cidades irmãs.

No dia 28 de abril houve na Igreja dos Terceiros d'esta cidade uma festa, verdadeiramente terna e pathetica - foi uma festa de caridade.

Houve primeiro um sermão, prégado pelo Rvd.º P. Fr. João da SS. Trindade adequado ao assumpto, isto é, á distribuição do Pão dos pobres

Finda a pratica fizeram-se algumas orações á S. Antonio, adequadas tambem ao acto que ia ter logar, e depois cantou se o responso do Santo acompanhado a orgão, e finalmente a benção e distribuição do pão dos pobresinhos.

Distribuiram se 430 broas de pão milho, pesando cada uma para cima de 2 kilogrammas, e 430 pães de trigo.

380 broas de pão milho e outros tantos trigos foram distribuidos a igual numero de pobres préviamente escolhidos, quer pelos Rvd.mos snrs. Parochos das diversas parochias de Braga, quer pela Dig.ma Conferencia de S. Vicente de Paula d'esta cidade.

Os que presenceáram a distribuição não poderam deixar de se commover, á vista d'este espectaculo tão edificante, tão novo e tão singular.

Como a caridade christã é engenhosa!

Finda a distribuição aos pobres supramencionados, tambem foi distribuido um pão trigo a cada um dos presos da cadeia, que fica defronte da igreja dos Terceiros.

Contra o que se esperava, sobejaram bastantes pães; caso singular, segundo referia maravilhado o dono da padaria onde foi preparado o pão; e por isso ainda se distribuiram 25 broas de pão milho á Officina de S. José e outras tantas ao Collegio da Preservação, sendo estes dous institutos de Braga, como é sabido, os dous institutos de beneficencia que luctam com maiores difficuldades economicas.

Durante esta bella festa, a banda da Officina de S. José executou no atrio da igreja diversas peças de musica.

*

Entraram no cofre de S. Antonio dos Terceiros, até ao dia 6 d'este mez de maio, 1:086 cartas, sendo só durante o mez passado 724, 54 das quaes foram em acção de graças e 670 pedindo diversas graças, sendo todas distribuidas do modo seguinte:

Cartas em acção de graças: negocios temporaes 4, saude 5, empregos 2, exames 15, necessidades temporaes 3, conversões 2, reconciliações 2, outras graças 21.

Petições: — Exames 27, conversões 25, operarios 4, necessidades espirituaes 33, negocios temporaes 102, enfermos 199, pessoas ausentes 32, empregos 22, filhos familias 5, coisas perdidas 18, matrimonios 18, casas de commercio 2, estudantes 13, familias 3, vocações religiosas 5, peccadores 4, demandas 6, restituições 27, reconciliações 6, collegio 1, necessidades especiaes 17, outras graças diversas 101.

Attenção. — Pedimos instantemente aos que tiverem recebido algum favor do Santo, se não esqueçam de agradecer por escripto, indicando claramente a graça recebida.

Se fazem a petição por escripto, porque não hão de tambem dar por escripto as graças ao Santo bemfeitor?

Ahi vão algumas cartas:

«Se vós meu Padre Santo Antonio fizeres o milagre de eu ir para Montariol dou-vos 500 reis. Desejo ser religioso da Ordem de S. Francisco.»

«A vós, milagroso S. Antonio eu recorro para que até ao fim d'este mez eu recupere forças das mãos e dos pés, e possa andar sem moletas, e vos darei para o Pão dos pobres, 20 libras em ouro, e mais darei todas as semanas 10:000 reis para o mesmo fim. 1 de maio de 1895.»

«Grande Santo, se vos dignardes fazer o milagre de uma pessoa extraviada se converter, quem isto vos implora lançará na caixa que para tal fim ahi tendes, 5$000 reis para o Pão dos vossos pobres. Braga 29 de abril de 1895.»

«Meu glorioso S. Antonio, cheia de humildade e viva fé recorro a vós para me attenderdes no pedido que vos acabo de fazer. Tendes feito tantos milagres, fazei agora este a quem é vosso devoto que prometto dar para o Pão dos vossos pobres 50$000 reis e se me achardes digno de tão grande milagre então fazei-me o outro que vos peço e vos darei 9$000 reis para o Pão dos pobres. Braga 4 demaio.»

«Meu Santo Antonio, eu vos peço pelo amor do Menino Jesus me alcanceis a graça da vocação religiosa para o meu sobrinho e que elle vá para a vossa Ordem. Tambem vos peço me alcanceis rendeiros para as minhas fazendas e quem me compre a minha madeira, os pinheiros e choupos que tenho nas minhas fazendas, que eu vos prometto dar uma esmola para o Pão dos vossos pobresinhos. Alcançai-nos mais a graça de sermos assignantes da vossa *Voz*.»

«Se o milagroso Padre Santo Antonio me fizer o milagre que lhe pedi dou lhe 1 conto de reis 222 libras em ouro, e não podendo ser em ouro, se for em papel prometto 1$000 reis por cada uma. Um irmão e devoto do mesmo Santo.»

«O' meu S. Antonio, vós que fostes amigo de Jesus e de sua Mãe Maria Santissima pedi-lhe que me livre das minhas apoquentações e pedi á SS. Virgem Maria que me ouça na petição que eu lhe costumo fazer na missa, e prometto dar para os vossos pobresinhos 100$000 reis.»

«Santo Antonio, se vós permittirdes que a minha pombinha venha ámanhã dou-vos a esmola de 20 reis para o Pão dos pobres.»

«Glorioso S. Antonio, conheceis a minha situação infeliz tanto no corpo como na alma, e sobre tudo motivada toda a minha desgraça pelas doenças que soffro ha tantos annos, e que me inhabilitaram do trabalho, que me roubaram toda a felicidade, toda alegria, a paz da minha alma e o socego dos dias da minha vida. E n'esta situação afflicta eu lucto hoje involto com o desespero, tornando cada vez mais criminosa a minha alma e quem sabe até se com uma maior desgraça e serei eternamente um desgraçado.

«Porem, embora eu conheça o mau caminho em que o desespero me faz seguir, sinto-me cançado do martyrio e da vida que tenho soffrido e não posso ser mais forte para me conter. Por isso venho implorar a vossa protecção, ó glorioso S. Antonio, porque podeis e sereis vós o meu protector. Encarecidamente vos peço, por Jesus Christo e por Maria Santissima, por caridade e esmola, que até ao dia 13 de junho me alcanceis a cura das doenças que me inhabilitam do trabalho, que me desgraçam e que negam a paz da minha alma e o socego da minha vida. Prometto vos glorioso Santo Antonio, logo que eu seja attendido, levar-vos para o Pão dos pobres 5 % de todos os recursos que eu houver ou pelo meu trabalho ou mesmo por herança. Farei uma confissão geral e principiarei uma nova vida com a emenda dos peccados com que mais tenho offendido a Jesus e Maria Santissima. Mas glorioso Santo, se eu não vos merecer nem a Jesus este bem que eu digo e que será precioso para a minha vida e para a minha alma, rogo-vos encarecidamente e de todo meu coração, que então me alcanceis de Jesus uma boa morte para fim da minha desgraça e por que eu a recebo com todo o amor. Ah! eu amo uma boa morte e quero-a antes do que a vida tormentosa, cheia de amarguras e lagrimas em que estou luctando sem uma só esperança.»

«Milagroso S. Antonio, bem conheceis ser de toda a justiça que os abaixo assignados recebam provimento ao aggravo que para os tribunaes superiores interposeram do despacho que n'esta comarca os pronunciou n'um crime que, nem por pensamento podiam praticar, por isso vos supplicamos para que intercedaes afim de que tal provimento se dê; e n'este caso veem offertar-vos para o Pão dos pobres a quantia de 20$000 reis; ainda um dos signatarios vos offerta a quantia de 50$000 reis para a reconstrucção da vossa capella que se está desmoronando na vossa freguezia.»

«Glorioso S. Antonio, confiado na vossa poderosa intercessão, a vós humildemente recorro, para que me alcanceis do Coração santissimo do meu Jesus estas tres grandes graças: 1.ª A minha inteira conversão e perseverança

final; 2.ª A saude de que necessito para só me dedicar ao serviço de Nosso Senhor; salvar muitas almas, e fazer penitencia pelos meus peccados; 3.ª Os meios necessarios de subsistencia para mim, meus paes e irmãos. Se me alcançardes, glorioso Santo, estas graças, e, como penhor do vosso generoso patrocinio, se permittirdes que dentro de tres mezes nós encontremos solução ás difficuldades e allivio ás tribulações em que Vós sabeis que nós vivemos, eu prometto dar todos os annos, emquanto podér, a quantia de 5$000 reis para os vossos amados pobresinhos. Tudo espero de vós, glorioso Santo».

«Muito glorioso S. Antonio, cheias de confiança no vosso poder e protecção, vimos pedir-vos uma grande graça, a qual desejamos ardentemente alcançar até ao fim d'este mez. Bem sabeis que nos encontramos luctando ha bastantes annos com grandes difficuldades pecuniarias na impossibilidade em que nos encontramos de satisfazer os nossos credores, pedimos vos a graça de nos dar até ao fim d'este mez a somma necessaria para esse fim, promettendo vos desde já o seguinte: 1.º A novena e trezena; 2.º Missa cantada e sermão por um dos dignos filhos de S. Francisco d'Assis; 3.º Quatro razas de pão para os pobres; e 4.º Mandar publicar esta graça se ella fôr obtida. Confiando na vossa protecção, esperamos ser attendidas...»

CARDEAL PERSICO

DA ORDEM DOS FRANCISCANOS CAPUCHINHOS, PREFEITO DA SAG. CONGREGAÇÃO DAS INDULGENCIAS E MEMBRO DA PIA UNIÃO DE S. ANTONIO

SI QUAERIS MIRACULA

Ahi vão algumas graças, que nos contam as mesmas pessoas que foram agraciadas.

Não reparem os leitores da *Voz* na redacção das cartas, porque de proposito se imprimem, como foram escriptas, para lhes não tirar a sua originalidade e simplicidade.

«Entregando Maria da Silva a quantia de 20$000 réis, de fazenda a um sujeito, e este recebeu. E chegou a casa com as barbas queimadas, e a cara coberta de... queixando-se que lhe sahiram tres homens ao caminho, que o roubaram e que lhe queimaram as barbas. Desconfiando-se que elle se fingiu roubado, foi preso e negou que não tinha o dinheiro e que foi roubado; e como eu me vi afflicta recorri a S. Antonio, e ajoelhei-me desde as dez horas até ao meio dia, com as lagrimas nos olhos lhe pedi que me deparasse o meu dinheiro, e que lhe dava 500 réis para pão dos pobres, e logo que cheguei a casa já o meu dinheiro tinha apparecido.»

«Antonio era credor de 480$000 réis que Manoel lhe devia, e não pagava por falta de meios e revezes de fortuna, de fórma que Antonio em 4 annos esteve em risco de perder, e temendo de propôr a acção judicial pediu a S. Antonio o milagre do recebimento da dita quantia, sem ser preciso recorrer á justiça, promettendo 4$500 réis; de maneira que passados oito dias veio Manoel pagar, sem que Antonio tivesse o mais pequeno prejuizo. Os 4$500 réis entraram na caixa das esmolas no dia 6 de Abril.»

«O mesmo Antonio tinha outra divida de 150$000 réis e havia perto de tres annos que o devedor era instado a

pagar e até ameaçado de ser obrigado por justiça; o que Antonio receava pelas grandes despezas, e então recorreu a S. Antonio pedindo o recebimento sem o recurso da justiça; milagre que foi feito porque no dia 28 de abril, (depois de Antonio ter na egreja dos Terceiros assistido á missa e mais rogações e sermão) pagou o devedor toda quantia que devia. A promessa foi de 2$250 réis que entrou na caixa das esmolas no mesmo dia 28 de abril. Não ha duvida de que é S. Antonio o melhor advogado e procurador.»

«Meu Santo Antonio, em virtude da supplica que vos havia feito ser em parte satisfeita offereço-vos a promessa de 500 réis.»

«Ahi vão 1$200 réis, e são para o «Pão dos pobres», em cumprimento d'um voto feito ao milagroso S. Antonio.»

«Uma pessoa que estava muito mal e desenganada dos medicos que fallecia, e por milagre do Santo está sã.»

«Meu milagroso S. Antonio, venho dar graças a Deus e a Vós, e meu amado Santo porque já me acho melhor dos meus padecimentos, e ao mesmo tempo vos offereço esta offerta para o Pão dos vossos pobresinhos. Peço-vos meu amado Santo que continueis a despachar todas petições e que os vossos servos e devotos vos pedem tudo seja para gloria de Deus amen.»

«Glorioso S. Antonio, agradeço-vos do coração o teres livrado meu genro de ser condemnado a uma pena grave e dou para os vossos pobresinhos 1$000 réis.»

«Muito obrigada, eu vos agradeço muito ó glorioso Santo Antonio a graça recebida e ahi tendes um tostão que vos prometti para pão dos vossos pobres e vos peço que continueis a proteger; ponho em vós toda a minha confiança.»

«*Te Deum laudamus.* Deixae meu glorioso Santo que eu me sirva d'esta expressão porque o meu coração exulta de alegria por ver que em tão pouco tempo foi ouvida a minha petição. Sim, ha poucos dias vos pedia pela conversão de um peccador que havia 40 annos se não confessava. Hoje venho agradecer-vos o grande milagre que me fizestes e ao mesmo tempo vos envio a quantia promettida. Viva S. Antonio! viva!»

«Meu glorioso S. Antonio, rendo-vos o meu vehemente agradecimento por me haverdes obtido do dulcissimo Coração de Jesus, do modo para mim inesperado, mas sem duvida o mais conveniente e desejavel, os meios para que pedi a vossa efficaz intercessão. Ahi vos entrego, pois, para o Pão dos vossos pobres 5$000 réis em satisfação do meu compromisso, e ainda um excedente como antecipada remuneração de graça que ainda vos supplico me obtenhaes do S. Coração de Jesus, afim de eu poder occorrer convenientemente a varias despezas que se me impõem como necessarias. E que da obtenção de todas estas graças resulte augmento da gloria de Deus e satisfação da minha alma. Assim confia se realise, meu glorioso Santo o vosso novo e reconhecido devoto.»

Secção Scientifico-Litteraria

O TRANSFORMISMO EM FACE DO DOGMA

(Continuação)

Huxley perguntava: se certas causas naturaes foram sufficientes para do mesmo typo se derivar um ouistiti, ou um chimpanzé, porque motivo estas mesmas causas não serão sufficientes para d'aquelle typo se derivar o homem? Porque responderemos, o homem não é só um animal, como o ouistiti ou chimpanzé; ha n'elle uma faculdade, que se chama intelligencia, que abre um abysmo, impossivel de transpor, entre o homem e qualquer outro animal.

Um sabio inglez, Saint-Georges Mivart, que o proprio Darwin reconhecia como zoologista distincto, propoz-se estudar se não seria possivel, por qualquer fórma, conceder ao corpo do homem, ao *substroctum* da intelligencia, *criada á imagem de Deus,* uma origem animal.

Apraz-nos citar as suas proprias palavras, para que os leitores melhor se compenetrem da mente do referido auctor.

Segundo a antiga definição escholastica, diz elle, o homem é um animal racional. A sua animalidade é distincta, em natureza, da sua racionalidade, ainda que inseparavelmente unida com ella, durante a vida presente, em uma só personalidade commum. O corpo animal do homem deve ter uma origem differente da alma espiritual que o informa, supposta a distincção das duas ordens, as quaes estas duas existencias pertencem respectivamente.

A Sagrada Escriptura parece indicar isto mesmo claramente, quando diz: *Formavit Deus hominem de limo terræ, et inspiravit in faciem ejus spiraculum vitae.*

Estas palavras mostram que o *corpo* do homem não foi *criado* no sentido primitivo e absoluto da palavra, mas que se derivou d'uma materia preexistente, indicada pela expressão *limo terrae,* linguagem esta que deixa vêr a acção das causas segundas n'esta transformação.

A alma, pelo contrario, foi criada d'um modo inteiramente differente, não por meio de qualquer materia preexistente e distincta de Deus, mas só pela acção do Omnipotente, symbolisada na expressão *inspiravit,*

E' este o verdadeiro modo usado por Christo quando confere poderes extraordinarios e graças sobrenaturaes ao christianismo; é ainda hoje, o modo empregado diariamente nos ritos e cerimonias da Igreja.

Esta dupla origem do primeiro homem está d'accordo com o que a experiencia nos ensina. Porque, se cada alma humana é o producto d'uma criação directa e immediata, cada corpo humano desenvolve-se pela acção ordinaria das leis physicas naturaes.

Em outro lugar, Mivart accrescenta: «O meu fim foi defender a doutrina segundo a qual as especies se fórmaram segundo *as leis naturaes* ordinarias (a maior parte desconhecidas) auxiliadas pela acção *subordinada* da selecção natural, e ao mesmo tempo, recordar a certos leitores que *nas sciencias physicas não ha nada, nem póde haver, que prohiba considerar estas leis naturaes, cooperando com o auxilio divino,* na execução do *fiat* omnipotente no principio sobre o mundo primitivo, por seu criador, conservador e senhor».

O Padre Diercke, em uma importante memoria, discute sabiamente esta mesma doutrina resolvendo as objecções que contra elle poderiam levantar-se; mas a sua conclusão não é cathegorica: «O systema de Mivart poderá vegetar no terreno theologico, ou a fé catholica terá empenho na *ex-*